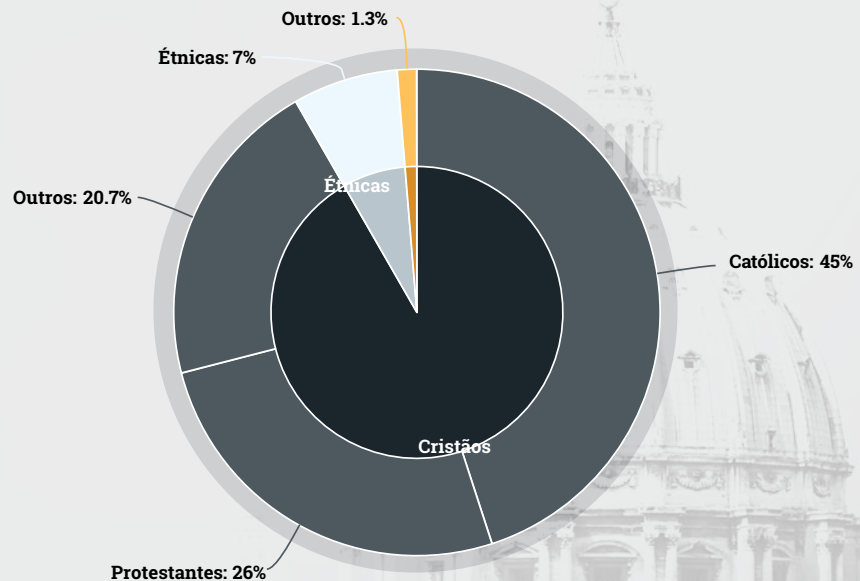
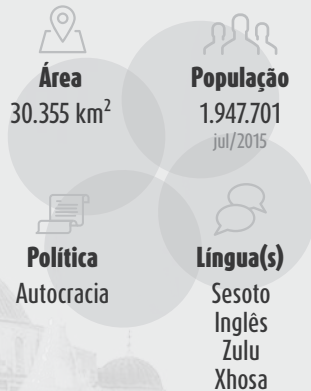


Lesoto



Cerca de metade dos Cristãos no Lesoto, de longe o maior grupo religioso neste país, são católicos. Outros grupos cristãos incluem a Igreja Evangélica do Lesoto e várias outras Igrejas protestantes, pentecostais e africanas independentes, entre elas a *Father Masango St John's Apostolic Faith Mission* [Missão da Fé Apostólica de S. João do Padre Masango], que também está presente na África do Sul. Muçulmanos, hindus, budistas, bahá'ís e membros de religiões tradicionais constituem os restantes 10%.

Apesar disto, em relação à prática religiosa, os limites entre as diferentes religiões não são muito claros. Assim, os cristãos podem também seguir ritos e costumes africanos tradicionais. O Governo não tem “nenhum requisito estabelecido para o reconhecimento dos grupos religiosos. A maior parte dos grupos religiosos registram-se, mas não há penalizações para os que não o fazem.”^[1]

As Igrejas cristãs estão muito ativas na área da educação e são responsáveis por gerir cerca de 80% das escolas no país.^[2] Contudo, os professores são pagos pelo Estado, que também define o currículo escolar padrão.

A maioria das escolas religiosas são geridas e são propriedade da Igreja Católica, da Igreja Anglicana, da Igreja Evangélica do Lesoto e até certo ponto da Igreja Metodista. No entanto, no ano 2000, o Estado introduziu a educação primária gratuita e construiu várias escolas não confessionais, que em

alguns casos substituíram as escolas confessionais, embora a maioria continue sendo gerida pela Igreja.

DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

O Lesoto é uma monarquia constitucional e o Rei Letsie III é o chefe de Estado. A Constituição garante ao cidadão, “independentemente da sua raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou outra”, uma lista de direitos humanos e liberdades fundamentais, incluindo a “liberdade de consciência”, a “liberdade de expressão” e a “liberdade de não ser discriminado”.^[3] O artigo 13º da Constituição de 1993, intitulado “Liberdade de Consciência”, estipula expressamente que esta liberdade inclui “liberdade de pensamento e liberdade religiosa, liberdade para mudar a própria religião ou crença, e liberdade, seja sozinho ou em comunidade, em público e em privado, para manifestar e propagar a sua religião ou crença através do culto, do ensino, da prática e da observância”. A liberdade de reunião, incluindo reunião religiosa, é detalhada no artigo 16º.

[1] Departamento de Estado Norte-Americano 2016, International Religious Freedom Report 2014 <http://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper>

[2] Departamento de Estado Norte-Americano 2016, International Religious Freedom Report 2013

[3] Constituição do Lesoto (versão de 2001), http://www.wipo.int/wipolex/en/text.jsp?file_id=216171

INCIDENTES

O Lesoto está classificado pela organização de direitos humanos *Freedom House* como um país “livre”.^[4] Durante o período deste relatório, em que decorreu a eleição de um novo Governo do primeiro-ministro Bethuel Pakalitha Mosisili em 28 de fevereiro de 2015,^[5] não houve nenhuma alteração institucional específica ou outros eventos de referência em relação à liberdade religiosa.

Neste clima de liberdade, a Igreja Católica no Lesoto consegue trabalhar livremente para um aprofundamento da fé entre os seus adeptos. Durante a visita *Ad Limina* ao Vaticano dos bispos da Namíbia e do Lesoto, em 24 de abril de 2015, o Papa Francisco disse-lhes que mesmo que as suas sociedades locais fossem confrontadas com inúmeros desafios, a tarefa continuava sendo a da promoção da fé cristã. Numa altura “de uma aparente diminuição das vocações para o sacerdócio e para a vida religiosa”, é importante “que os sacerdotes falem abertamente sobre a experiência feliz e realizada de oferecerem as suas vidas a Cristo”, disse o Papa.^[6]

Houve tensões no final de julho de 2015 resultantes do assassinato do antigo chefe de Estado do Exército, o General Maaparankoe Mahao. Os seus assassinos eram soldados. O Exército está dividido em facções, que lutam pelo poder e influência. Apesar disso, as eleições de 2015 foram consideradas como tendo sido justas e transparentes. A África do Sul receia uma enchente de refugiados do Lesoto, o seu vizinho minúsculo. O Lesoto é um dos países mais pobres do continente africano. No ano passado, a *South African Catholic Bishops' Conference* (SACBC) [Conferência Episcopal dos Bispos Católicos Sul-Africanos] apelou repetidas vezes para uma solução não violenta para os problemas e expressou a sua solidariedade para com o povo do Lesoto.^[7] Numa declaração publicada após o assassinato em 2015, os bispos declararam: “Estamos chocados que um ato tão horrendo tenha sido cometido por alguns membros das forças de defesa do Lesoto. Esta medida reflete a situação em que se encontram muitas pessoas do povo Basoto, de tal forma que não estão seguras no seu próprio país. Isto levanta receios e ameaças aos alicerces dos direitos humanos, sobretudo do direito à vida, e descarta os princípios democráticos nos quais muitas Constituições se baseiam.”

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

No início de 2016, a seca continuada na África Austral representou desafios ainda maiores para este país totalmente rodeado por terra. O Governo pediu apoio ao mundo. O primeiro-ministro Pakalitha Mosisili falou de 650 mil pessoas ameaçadas com fome extrema no seu país. Quando a pobreza é extrema, as tensões por motivações religiosas estão muitas vezes bem próximas.

[4] <https://freedomhouse.org/country/lesotho>

[5] Arquivo Munzinger 2015

[6] http://de.radiovaticana.va/news/2015/04/24/papst_franziskus_an_die_bisch%C3%B6fe_von_leso-tho_namibia/1139316

[7] <http://fides.org/de/news/36642#.VrYu6U9zDA4>